O POVO DE AVEIRO

Semanario republicano

PROPRIETARIO E DIRECTOR Francisco Manuel Homem Christo

ANNO XXIX

Assignaturas, pagamento adeantado
Portugal e Hespanha: anno 1$300; semestre 650. Colonias portuguezas 1$600, ou 1$300 pagos em Aveiro. Extrangeiro, exceptuando Hespanha, 2$500.—*Numero avulso, 20 réis.*
Redacção e administração—Rua d'Arnellas—AVEIRO

AVEIRO, 13 DE NOVEMBRO DE 1910

Publicações
No corpo do jornal 120 rs. a linha. Pagina d'annuncios — 40 rs. a linha. A linha é contada em columna d'annuncio.
Composto e impresso na Typographia do *Povo de Aveiro.*
EDITOR — Manuel Christo

Nº 1:384

DE PÉ E ALTIVOS!

Não confundâmos. Uma coisa é acatar a republica, outra coisa é deixar de censurar os vicios, os erros ou os crimes de muitos d'aquelles que se dizem republicanos. Uma coisa é não conspirar contra a republica, é não tentar derrubar a republica, é amar a republica ou acceitar a republica, consoante o sentimento, a intelligencia ou o temperamento de cada um, outra coisa é não combater os erros ou os crimes dos que se dizem defensores da republica. Ora o que pretendem os chamados republicanos é o acatamento, o respeito, a veneração das suas pessoas. E' a subserviencia, o rebaixamento, a humilhação perante as suas pessoas. Só isso! E contra isso ha de protestar, e revoltar-se se necessario fôr, todo aquelle que sentir consciencia de cidadão, brios de homem, caracter de portuguez.

O padre Mattos foi injuriado, apupado, corrido, porque se prostrou reverente deante dos seus inimigos da vespera. O padre Benevenuto foi coberto d'insultos, ridicularisado, preso, porque passou de feroz inimigo dos republicanos a dizer-se um amigo da republica. Os que d'um dia para o outro se transmudaram de monarchicos em republicanos foram repellidos e cuspidos. Mas o director do *Povo de Aveiro*, que conservou a mesma attitude, que ficou no campo em que estava, que não quiz humilhar-se, prostrar-se, beijar os pés dos vencedores, foi da mesma fórma injuriado, preso, por todos os modos perseguido. O que quer isto dizer senão que o fim exclusivo dos chamados republicanos é impor arrogantemente as suas pessoas, e, como os antigos triumphadores romanos, fazer de todos os outros escravos, obrigando-os a estender os pulsos ás algemas e a curvar ao jugo a cerviz? O que demonstra isto, senão que estamos ao mando da mais atroz intolerancia, sujeitos á mais feroz demagogia?

Os chamados republicanos a toda a hora insultam os seus adversarios com o seu supposto perdão, a sua generosidade *indiscutida*. Mas qual perdão? Mas qual generosidade?

O que teem os republicanos, os chamados republicanos, que perdoar n'este paiz? A fraqueza, a tolerancia ou o medo com que aquelles que se diziam representantes e sustentaculos das instituições cahidas lhes permittiram **tudo?**

Os republicanos eram professores d'escolas superiores, d'escolas secundarias, d'escolas primarias, e atacavam violentamente, nos comicios, nos clubs, na imprensa, por todas as fórmas e em toda a parte, a monarchia. Os republicanos eram empregados dos correios, da fazenda, do governo civil, e conspiravam ás escancaras contra a monarchia. Os republicanos eram officiaes do exercito, e, desde alferes até general, frequentavam publicamente as redacções das gazetas mais contrarias á monarchia. Os republicanos chegaram a occupar os cargos de maior confiança, tanto no civil como no militar, dentro da monarchia. O que é que elles teem que perdoar? E' isso?

Nós queremos saber, temos o direito de querer saber, e, comnosco, todo o mundo, o que é que os republicanos, os chamados republicanos, teem que perdoar n'este paiz.

Uma ou outra vez, mas sempre em periodos curtos, os republicanos, é certo, foram perseguidos pela monarchia. Mas nunca essa perseguição chegou a ponto de serem demittidos os professores, os officiaes do exercito, todos os empregados civis e militares, que não só ostentavam opiniões republicanas, como combatiam violentamente a monarchia. Mas fóra d'esses periodos curtos, d'esses arrancos de momento, elles fizeram sempre, desde o reinado de D. Luiz, *quanto quizeram* n'este paiz. O que é que teem que perdoar, o que é que teem que castigar, no campo da tolerancia e da liberdade, os seus adversarios politicos?

Quantos estavam nas prisões, quantos estavam no degredo, quantos estavam demittidos, ou sem a liberdade absoluta de **dizer e fazer tudo,** quando cahiu a monarchia?

Quantos?

Quantos, no tempo do proprio João Franco, pagaram com a sua liberdade, com o seu emprego, com a sua fazenda, com a sua vida os ataques violentamente revolucionarios que dirigiam contra a monarchia?

Quantos?

A sua generosidade! Mas a sua generosidade, essa que apregoam, como o seu perdão, a toda a hora, essa com que affrontam, a cada instante, tudo e todos n'esta terra, consiste, simplesmente, em não haverem, de certo modo, repetido a façanha de Herodes, isto é, a degollação dos innocentes.

Não mataram? Não pilharam? Não incendiaram? Mas matar quem? Mas porquê?

A revolução franceza, a grande revolução franceza, só ergueu guilhotinas porque viu na fronteira os exercitos extrangeiros promptos a invadir o territorio, cheios de emigrados, de fidalgos, d'officiaes francezes. Porque tinha deante de si uma aristocracia e um clero poderosos, terriveis, intransigentes. Porque encontrou uma formidavel reacção a querer tomar-lhe o passo, a impedir-lhe o caminho.

D. Miguel, o *crudelissimo* D. Miguel, só mandou constituir alçadas, e levantar forcas, depois do assassinato dos lentes de Coimbra, em 18 de março, e depois d'uns *poucos de regimentos* terem levantado o grito da constituição em 16 de maio de 1828.

Mas agora? O que houve, agora, que podesse justificar uma violencia?

Agora o padre Benevenuto *adheriu,* e, no emtanto, foi mettido na cadeia. O padre Mattos *adheriu*, e, no emtanto, teve de fugir. Os monarchicos que adherem são corridos, insultados, e, se não se teem remettido a um absoluto silencio como resposta a esses insultos, seriam presos ou chicoteados. Um prior do districto de Braga telegraphou, dizem as gazetas, ao governador civil communicando-lhe a sua adhesão, e o governador civil responde-lhe, não só recusando, não só rejeitando, mas dizendo-lhe, colerico: *tenha vergonha!* O que succederia ao padre Mattos, ao padre Benevenuto, ao prior de Braga, aos monarchicos todos, se em vez de terem adherido *teem reagido*, como os monarchicos em França no tempo da grande revolução, ou como os liberaes no tempo do miguelismo? Nem os ossos lhes ficavam!

Eu queria ouvir os republicanos falar na sua generosidade, e louva-los por ella, se houvessem sido magnanimos depois de uma séria resistencia, ou depois d'uma perseguição terrivel que lhes houvesse feito a monarchia. Mas, assim, apregoar generosidade é apenas uma forma de provar *intolerancia*, de provar *rancor*, e de nos dizer o que, em cima d'uma reacção, de uma forte reacção, seria, de facto, a generosidade da republica.

Nós não tinhamos questões graves, rixas profundas, que dividissem o proletariado e o capitalismo. Nós não tinhamos as insolencias, os vexames, de uma aristocracia orgulhosa e rica. Nós não tinhamos a oppressão, sequer, d'um clero dominante. Existiam ordens religiosas, não ha duvida. Mas, alem de ser diminutissimo o numero de frades e de freiras, depois de tanta syndicancia e de tanto inquerito não apparece noticia d'um unico crime commettido pelos membros das congregações prohibidas. Aqui em Aveiro havia, no convento de Jesus, uma casa d'educação para raparigas. Era uma casa modelar, reconhecida como tal por todos, monarchicos e republicanos. Ministrava-se alli educação religiosa. Mas sem um abuso, sem uma immoralidade, sem nenhum fanatismo. Havia em Lisboa uma casa d'assistencia, as *Irmãsinhas dos pobres*, que arrancou applausos ao proprio ministro da justiça. E assim por deante. Era justo encerrar essas casas e fazer sahir do paiz os membros das congregações prohibidas desde que... eram congregações prohibidas? Era. Mas como explicar, como justificar uma pilhagem, um incendio, um assassinato, um assalto com intenções criminosas contra ellas?

Como explicar um ataque á mão armada aos capitalistas, se não havia ainda em Portugal odios e rixas entre o capital e o trabalho?

Como explicar um ataque á mão armada contra os aristocratas, se a aristocracia, como classe privilegiada e rica, já tinha ha muito desapparecido?

Como explicar a morte ou a prisão de Teixeira de Souza, de José Luciano, de Beirão, de todos os chefes graduados da monarchia, se o crime d'elles tinha sido, não só permittir aos republicanos que fizessem tudo quanto queriam, como associa-los aos lautos festins organisados á custa do erario publico?

Então, onde está a generosidade dos chamados republicanos e, em especial, a do governo?

Houve um ministro monarchico n'esta terra, ha muitos annos, que, por nomear todos os seus parentes e amigos para as vagaturas que iam occorrendo na burocracia, foi apupado e corrido. Chamava-se Barros e Sá, o homem, e era ministro da justiça. Como estigma, ficou-se chamando *basorradas* a todos os actos da mesma natureza. Pois as *basorradas* foram agora resuscitadas por alguns dos ministros da republica por entre estralejar de foguetes, apotheoses e hymnos. Os ministros da republica nomeiam para altos cargos da nação os seus parentes, em massa, os seus compadres, os seus amigos. Comprehendia-se, admittia-se, era justo, que a republica collocasse nos *logares de confiança* gente sua. Mas o governo fez mais. O governo demittiu funccionarios que tinham *incontestaveis* direitos adquiridos. Funccionarios nomeados *por concurso*, tendo pago direitos de mercê, tendo satisfeito todos os requisitos por lei exigidos. O governo substituiu esses funccionarios por alguns outros competentes, mas tambem por alguns outros, moral ou intellectualmente, no conceito geral dos proprios republicanos, *incompetentissimos*. E depois de tudo isso não cessam as gazetas da situação de nos atordoar os ouvidos com a *generosidade e a justiça da republica!*

Acate-se a republica. Respeite-se a republica. Os monarchicos por amor da patria, os republicanos por amor dos principios. Mas por amor da patria e dos principios ponham todos termo aos abusos do poder, ao regimen de oligarchias, aos excessos da demagogia. E para isso basta que se ponham de pé, que se ergam, os que andam para ahi rastejando de servilismo ou covardia.

Ergam-se, que deixam logo de parecer fracos e pequenos! Formulem os seus protestos, as suas reclamações, dentro da lei, mas com a energia do brio pessoal e da dignidade dos principios, e verão como desapparecem, de prompto, ameaças insultuosas e funestas ousadias.

A patria é de nós todos, não é de nenhum partido. A republica não foi feita para uso e proveito d'uma seita, mas para uso e proveito de todos os portuguezes. Que desfructe a seita, á vontade, os benesses a que lhe dá direito a sua *primazia*. Mas sem insultar os outros, mas sem conceder um logar n'esta terra aos seus concidadãos *como favor*. Ao ler as gazetas da situação dir-se-ha que respiramos *por mercê exclusiva* de carbonarios e dictadores. Que vivemos só porque elles nos querem conceder o *direito á vida*. Ora é preciso pôr cobro immediato a esse insulto.

Esta terra é nossa! Tão nossa como d'elles. Temos o mesmo direito de pensar, o mesmo direito de falar, o mesmo direito de proceder.

De pé e altivos! Que só ha dictadores e *homens grandes* quando os outros se põem de joelhos deante d'elles.

Expediente

O POVO DE AVEIRO não se publicou nos dois ultimos domingos pelos acontecimentos que se deram — a prisão e incommunicabilidade do sr. Homem Christo — do conhecimento de todos os leitores. Continua hoje a sua publicação com a regularidade do costume.

Os mesmos acontecimentos impediram a publicação do nosso SUPPLEMENTO, que, d'esse modo, só sahirá um domingo, este mez.

A nossa attitude

A lei d'imprensa, que adeante discutimos, foi feita exclusivamente contra o *Povo de Aveiro*. Podia-se cifrar em dois unicos artigos. «Art. 1.º O *Povo de Aveiro* só dirá de hoje para o futuro o que nós quizermos. Art. 2.º Fica revogada a legislação em contrario.» Isto era mais simples e mais claro. Dispensava discussões e tinha a vantagem de representar para o Estado uma economia. Gastava-se, na *Imprensa Nacional*, menos papel e menos tinta. Era menor o trabalho de composição e menor a despesa d'impressão.

Foi feita contra o *Povo de Aveiro*. Unicamente contra o *Povo de Aveiro*. Confessa-o, tacitamente, o proprio *Mundo*, em resposta ao *Primeiro de Janeiro*. E confirma-o, em resposta ao *Mundo*, o *Primeiro de Janeiro*.

Ora a primeira coisa que, felizmente, ha de revoltar a consciencia publica—e ainda ha muita gente honesta em Portugal—é o impudor com que o *Mundo*, o *Primeiro de Janeiro*, e outras gazetas dos *christãos velhos* e dos *christãos novos*, ousam falar na linguagem «despejada e provocadora» do *Povo de Aveiro*.

O *Mundo*, a falar em linguagem *despejada!* O *Mundo!* E todos elles a falarem em linguagem *provocadora!*

Elles, que não houve excesso a que não recorressem contra os monarchicos e contra a monarchia! Elles, que na questão dos tabacos, em mil questões, entraram na vida intima do sr. José Luciano, sem lhe pouparem esposa e filhas, dizendo contra elle e contra ellas o que jámais se disse em paiz algum do mundo!

E não só contra o sr. José Luciano. Contra todos. Contra o proprio director do *Povo de Aveiro*. Todas as injurias, todas as affrontas, todas as calumnias, todos os palavrões, ainda os mais reles, os mais immundos, os mais obscenos! Tudo, sem escrupulos, sem hesitação de qualquer ordem, elles jogaram contra o sr. José Luciano, elles jogaram contra nós, elles jogaram e jogam contra todos aquelles que, por qualquer forma, lhes embaraçaram ou embaraçam o caminho! E ousam agora falar, as candidas, as pudicas creaturas, na linguagem «despejada e provocadora» do *Povo de Aveiro!*

O impudor! O impudor! Que impudor! Nenhuma consciencia honesta, de monarchico ou republicano, deixará de o reconhecer. E de se revoltar contra esse attentado á verdade e á justiça.

Nunca o director do *Povo de Aveiro*, para se defender, e impor, como impoz, a sua personalidade ao paiz, e triumphar, como triumphou, n'uma lucta desegualissima, precisou de mais que a sua penna para atacar e para se defender. Coberto de injurias, de calumnias, de apodos os mais baixos, os mais vis, os mais insultuosos, jamais recorreu aos tribunaes, jamais, fóra d'esta tribuna da imprensa, usou de violencia alguma. Os seus inimigos, sendo dez mil contra um, tendo cem jornaes, muitos d'elles diarios, a oppor a uma simples folha semanal, usando da linguagem e dos processos do *Mundo*, creando vergonhosos canudos, como um que aqui em Aveiro se publica, para vomitar sobre elle tudo, tudo, quanto—e teem a audacia de falar em *linguagem despejada!*—d'uma bocca prostituida pode sahir, ainda recorreram a processos d'imprensa, a ciladas e a traições de toda a ordem. E como se fosse pouco chegam a isto: um regimen novo, ha dois dias, ainda, proclamado, ao qual tudo adhere, que não encontra, pois, resistencias e difficuldades que o possam derrubar, um regimen que prometteu *todas as tolerancias e todas as liberdades*, que fez as *mais solemnes promessas de tolerancia e liberdade*, que usou das suppostas repressões da monarchia como a sua melhor arma de combate contra a monarchia, não hesita em publicar e pôr em vigor **a lei d'imprensa mais reaccionaria que tem havido em Portugal** só para abafar a voz d'um jornalista que, n'um jornal semanal, e d'um canto da provincia, contra elles clama verdade e justiça.

Sim, verdade! Sim, justiça!

E são elles mesmos que se encarregam de provar que é verdade e que é justiça. São elles a inventar, manifestamente, o *pretexto* da nossa linguagem *despejada*, quando não houve ainda linguagem despejada que egualasse n'este paiz a linguagem despejada do *Mundo*, do canudo **que elles crearam em Aveiro para ejacular sobre nós todas as porcarias,** e d'outras gazetas que se propozeram *moralisar* e *redimir* esta patria infeliz.

Sim, verdade! Sim, justiça! Porque, por maior que fosse a nossa *linguagem despejada*, só havendo debaixo d'ella **muita verdade,** só havendo debaixo d'ella **muita razão,** só havendo debaixo d'ella **muita justiça**, o *Povo de Aveiro* chegaria a attingir a **grande tiragem,** a **grande circulação** que attingiu, chegaria a adquirir a **enorme influencia que adquiriu,** tendo por assignantes, como tem, **tudo quanto ha de mais elevado e illustre no exercito, na burocracia, no professorado, no commercio, na industria, na magistratura, na aristocracia, nas letras, e entre os mais ricos proprietarios e os mais ricos capitalistas do paiz.** Este é o facto. Facto authentico, verdadeiro, indiscutivel. Facto que nós affirmámos, em pleno Limoeiro, bem alto, ao juiz d'investigação criminal que nos interrogava, desafiando-o a aproveitar-se da nossa prisão e da nossa incommunicabilidade para o mandar a Aveiro, a esta redacção, verificar, se quizesse.

A nossa linguagem poderia ser *despejada*. Se-lo-hia, ás vezes. Admittamos. Era uma forma. Mais ou menos sympathica. Mas uma forma, entretanto. No fundo, era **tanta a nossa razão, tanta a nossa verdade, tanta a nossa justiça,** que tudo quanto ha de mais illustre em Portugal nos perdoava a forma pela grandeza moral, a força de verdade e de razão da substancia.

Pois quê? Pois julgam illudir alguem? A quem? Julgam convencer alguem de que um jornal, um jornal semanal, um jornal caro em relação aos outros, um jornal redigido por um *desqualificado*, se impõe *a um paiz inteiro* só pelo *despejado* ou pelo *desbragado* da sua linguagem?

A quem julgam as tristes creaturinhas illudir? A quem?

Sim, verdade! Sim, justiça! Porque sem um grande fundo de verdade e um grande fundo de justiça, o *despejado*, o *desbragado* da linguagem nunca foi, em paiz algum do mundo, por mais prostituido, motivo de successo, de gloria ou de triumpho. Pelo contrario, foi sempre motivo de descredito e ruina.

Sim, verdade! Sim, justiça! Porque sem um grande fundo de verdade e um grande fundo de justiça em palavras proferidas em forma correcta ou incorrecta, cortez ou descortez, pudica ou impudica, jámais aquelles contra quem ellas são dirigidas se incommodaram, se perturbaram, se irritaram a ponto de lançar mão **de todos os meios**, até o de calcar aos pés os principios democraticos n'um regimen nascente de democracia, para abafar a voz que clama, despedaçar a tribuna onde ella se ouve e anniquilar o audacioso que se atreve a erguê-la.

Quem prova, a todos os espiritos criteriosos, a todas as intelligencias reflectidas, que a allegação da *linguagem despejada e provocadora* é um simples pretexto, uma evasiva, um sophisma, são os nossos proprios inimigos na ancia que, sem olhar a meios nem escrupulos, põem na tarefa, na persistente, na velha tarefa de nos destruir.

Foi o que conseguiram, foi o que provaram, com a nossa prisão, com o decreto sobre publicações periodicas que a tinha antecedido e com a lei d'imprensa que se lhe seguiu. Isto é, provaram mais. Não provaram só isso. Provaram mais. Provaram outro ponto importantissimo: que o calumniado, afinal, eramos nós. Chamaram-nos calumniador. Mas o que ficou averiguado e provado foi que se ha alguem aqui calumniado, não são elles, somos nós. De facto, qual foi a prova, o vestigio, o rasto que appareceu das accusações que nos faziam?

Com quem estavamos nós, com quem estamos *colligado?* De quem recebemos, de quem recebiamos nós inspirações? Quem nos *pagava* a nossa campanha jornalistica? Era o Paço dos Navegantes, era o Paço das Necessidades, eram os jesuitas, eram os talassas?...

Quem era?

Digam, que desejamos sabê-lo, e, comnosco, o publico que nos lê.

Todos os nossos papeis, *todos!* foram examinados pela policia. O governo está senhor dos papeis encontrados no Paço, e nos archivos jesuiticos. O governo está senhor dos segredos da espionagem politica. Possue todos os meios de averiguação. Tem todos os elementos para julgar. Qual foi o documento, qual foi a prova que encontrou capaz de destruir, de perto ou de longe, a nossa constante affirmação de que esta obra *era só nossa, individual, isolada e meramente jornalistica?*

Julgaram benzer-se e quebraram o nariz. Hoje, mais do que nunca, podemos, bem alto, clamar: **se n'esta pendencia ha alguem calumniado, o calumniado somos nós. Não são elles!**

Nós não fomos pronunciado—não chegámos a se-lo, á falta absoluta de provas para isso—como auctor ou cumplice de qualquer *complot* contra a republica. Fomos pronunciado, simplesmente, por palavras offensivas, proferidas no interrogatorio a que fomos sujeito pelo juiz de investigação criminal, contra o governo provisorio da republica. E d'essa forma se demonstrou:

1.º Que eram falsas todas as accusações que contra nós formularam os chamados republicanos.

2.º Que nem em Aveiro nem fóra d'Aveiro, nem durante o caminho, nem á chegada á gare da Avenida, nem no governo civil de Lisboa, nem no Limoeiro, onde estivemos 9 dias sujeito á mais rigorosa incommunicabilidade, tentámos, um momento, **atravez dos maiores perigos,** fugir á responsabilidade que pelos nossos actos passados ou presentes nos podesse caber, e que na cadeia do Limoeiro e fóra da cadeia do Limoeiro mantivemos, sem hesitar, sem tremer, a mesma attitude d'altivez e rebeldia.

Fomos, somos e seremos inimigo implacavel de todos os bandos politicos.

A nenhum pedimos, a nenhum pediremos, auxilio ou mercê.

Deante de ninguem curvámos, ou curvaremos, a cerviz.

E firme, assim, na nossa attitude de inabalavel opposição e inabalavel protesto, sem ar-

rependimentos e sem desanimos, prompto a continuar a lucta com a energia do costume, temos a certeza de que o *Povo de Aveiro*, hoje mais do que nunca, será acompanhado pelas sympathias de todas as consciencias honestas, pelo apoio e pelo favor da opinião publica.

Avante! Avante! E o futuro... a Deus pertence!

Lei d'imprensa

A lei d'imprensa é a maior monstruosidade que tem apparecido. Bastaria ella para condemnar formalmente o ministro que a forjou e o ministerio que a referendou. Comtudo, tendo sido recebida a lei de João Franco, incomparavelmente mais liberal do que esta, com protestos violentissimos, a actual lei d'imprensa mal provocou, a medo, um murmurio.

A hypocrisia das formulas! A mentira dos dogmas! Os esforços titanicos que a humanidade emprega para avançar, para melhorar de situação, para attingir o ideal, e sempre a cahir, ensanguentada, com as carnes rasgadas e as costellas quebradas pelas urzes e quedas do caminho, desalentada, quantas vezes inanimada, no ponto de partida!

Não sabemos os protestos que ainda se possam erguer do campo da democracia. Necessariamente hão de surgir. Em Portugal ainda ha republicanos sinceros, ainda ha democratas verdadeiros, ainda ha homens com amor dos principios. Comtudo, seja qual fôr a reacção que possa vir, causa tristeza o silencio, o funebre silencio de momento.

Começa logo porque a lei, todo o mundo o diz, é voz unanime, só teve em vista attingir o *Povo de Aveiro*. Ora, pelo lado pessoal agradecemos a honra. Confessamos que a nossa vaidade está satisfeita. Mas como democrata e portuguez não podemos deixar de registar com indignação a decadencia de um povo, que tanto desceu que até permitte que a democracia seja instrumento d'intuitos tão mesquinhos. Acima de todos os homens, por mais perigosos ou terriveis que elles sejam, está a verdade e honra dos principios. E ninguem, que tenha a comprehensão legitima dos seus direitos, consente, pode consentir, que por medida de precaução, momentanea ou não, contra qualquer individuo, se sujeite uma sociedade inteira ao regimen do arbitrio.

A lei não tem nada, nada, que a recommende. Toda ella, desde o primeiro até ao ultimo artigo, é um sophisma. Assim, a lei admitte a prova da diffamação. Mas todos nós sabemos quanto essa prova, na maioria dos casos, é impossivel. *Ha coisas de que ninguem passa recibo.* E, no emtanto, o crime praticou-se! E, no emtanto, a unica prova é o recibo!

Mil circumstancias, conveniencias, receios, pusillanimidades, cumplicidades, egoismos, impedem, ou podem impedir, a prova d'um acto irregular ou crime do qual, todavia, temos a certeza.

O que se diz a respeito da prova da diffamação e da injuria, pode-se dizer a respeito da garantia do jury. Se eu ámanhã, em Lisboa, dada a suggestão tão cabalmente exposta por Le Bon, dado o fanatismo politico que domina a capital d'este paiz, injuriar ou diffamar um idolo republicano, serei fatalmente condemnado, por melhores provas que em reforço da minha affirmação eu apresente. Vice-versa, se um jornal republicano de Lisboa me atacar, a mim, com as maiores injurias, os mais vis apodos, as mais graves offensas, por menos que se prove será fatalmente absolvido.

Depois, a dureza, a brutalidade das penas estabelecidas! Antes de castigar, houve o proposito evidente de aterrorisar. Dir-se-hia que os auctores da lei sentiam pesar-lhe uma arroba de chumbo na consciencia, e que queriam, pelo terror, conter em respeito todo e qualquer profano menos respeitador ou mais audacioso.

O artigo 13 diz *o que é permittido*. Mas não ha artigo nenhum que diga *o que é prohibido*. E o que é permittido? Afinal, o que é permittido? E' permittido discutir diplomas legislativos, doutrinas politicas e religiosas, actos do governo, das corporações e de todos os que exercem funcções publicas, *com o fim de esclarecer e preparar a opinião para as reformas necessarias pelos tramites legaes.* Porém, dado o precedente do art.º 11, quando é que ha, e quando é que não ha, *o fim ou intuito de esclarecer a opinião?*

Quem reconhece esse fim? Quem define ou julga esse intuito? A auctoridade não pode dizer, a quem quizer: *O senhor, em vez do fim de* **esclarecer**, *teve apenas o fim de* **provocar**?

Mas o artigo 11 é que é o artigo por excellencia offensivo. O governo não só estabeleceu o arresto, como não deu ao escriptor *nenhuma garantia*. Basta esse artigo para condemnar *para sempre, eternamente*, o governo que o creou em nome do direito moderno e da democracia. Esse artigo é a sancção plena do arbitrio. E' o mais aberto e declarado reconhecimento do despotismo. O que é linguagem *despejada*? O que é linguagem *provocadora*? Onde começa e acaba a linguagem *despejada*? Onde começa e acaba a linguagem *provocadora*?

E' espantoso!

Depois, quem é o juiz, o fiscal da linguagem *despejada*? Quem é o juiz, o fiscal da linguagem *provocadora*? E' o pobre analphabeto que vende os jornaes na rua? E' o lojista, tantas vezes tambem analphabeto, tantas vezes destituido de cultura ou de criterio para julgar devidamente, e outras tantas vezes sem tempo para estar a ler o jornal que ainda bem não tem chegado á loja já é procurado pelo freguez?

Espantoso, espantoso!

O vendedor de jornaes, por esse artigo, só tem segurança... não vendendo jornaes nenhuns! E tanto barulho, tanto barulho, *casus belli*, quando da publicação da lei de João Franco, **incomparavelmente mais liberal**, repetimos, do que *isto*. E, agora, ou vergonhosos reclames, ou silencio profundo!

Esta passividade, esta inercia, esta inconsciencia nacional, esta falta de espirito d'equidade, é um horror.

Um grande horror!

DISTRICTO DE AVEIRO

Fala-se muito em que vae ser supprimido o districto d'Aveiro. Em que termos, não sabemos. Ou, antes, ignoramos completamente a forma que o governo vae dar á projectada organisação provincial. Mas, francamente, parece-nos asneira a tal *organisação provincial*. Se de provincia para provincia houvesse aqui, como em outros paizes, differenças de lingua, de territorio e de raça, comprehendia-se. Mas que demonio de differença fundamental existe entre as antigas provincias portuguezas? Nenhuma. Para que ferir, então, interesses e susceptibilidades, só porque um ou outro ministro do governo provisorio quer fazer *philosophia* sobre o caso?

Parece-nos grande disparate. E elles teem sido tantos!...

Aveiro agita-se, agitam-se muitas outras cidades, pode sair d'ahi uma séria perturbação da ordem publica e, outra vez dizemos, não nos parece que valha a pena.

Aguardemos a reforma. Sem isso não podemos falar conscientemente sobre o caso. Mas *palpita-nos* que Aveiro ha de ter razão para protestar e, n'esse caso, estaremos, como aliás é nosso dever, resolutamente ao seu lado.

Narrando os factos

Como tinhamos dicto, desde o dia em que sahiu o primeiro numero do *Povo de Aveiro* depois da proclamação da republica que era insistente o boato de que seriamos preso. D'esse boato se fez echo o *Mundo*, que deu, até, o facto como verdadeiro, o *Primeiro de Janeiro*, o *Jornal de Noticias*, e varias outras gazetas do paiz.

Como tambem dissémos, acreditámos o boato, desde logo, acreditou-o toda a gente, sendo nós vivamente instado por alguns parentes e amigos para fugir. Não quizemos fugir e ainda o dissemos — lembram-se d'isso todos os leitores — no *Povo de Aveiro*.

«Não se imagina como temos sido instigado a fugir para escapar á ferocidade dos homens do governo, em especial, e á dos redemptores, em geral.

Não, meninos, não! Hão-de aguentar com a responsabilidade do crime, se o commetterem.

Não, meninos, não! Já deviam ter percebido, ha muito, que de terror não morreremos. Digam o que disserem: de terror não morreremos. Podemos morrer de tudo e d'alguma coisa, certamente, viremos a morrer. Mas de terror, não morreremos.»

. . . . . .

A «Nova Corneta do Diabo» incita, dia a dia, o governo a prender os jornalistas que teem a ousadia de «falar para protestar». Porque não segue o governo, quanto a nós, as incitações da «Nova Corneta do Diabo?»

O governo está senhor dos archivos. Está senhor de tudo. E'-lhe facilimo encontrar as provas de que recebiamos dinheiro do Paço Real, do Paço dos Navegantes, dos jesuitas ou do governo civil. Porque não procede contra nós?

Cumpra essa obra de justiça! Vamos, proceda! Prove que estivemos associado a quem quer que fosse n'este paiz! Que a nossa obra jornalistica não foi sempre uma obra isolada, da nossa unica responsabilidade e iniciativa, independente de tudo e de todos, altiva, honesta, digna!

Nenhuma revolução, diz a «Nova Corneta do Diabo,» deu aos adversarios o direito de falarem livremente. Porque nenhuma revolução foi esmagada, jámais, como esta, sob o peso das adhesões «honestas» dos inimigos do regimen!

Que perigo corre a republica em Portugal? Quem préga contra ella conjurações? Que receia ella, que tem ella a recear, se a monarchia se dissolveu «n'um dia?» Agora só resta a obra de vingança pessoal dos dictadores. E' essa que se pretende executar? Execute-se. Vamos! A vingança pessoal dos dictadores e a vingança pessoal dos «Margaridos!»

Sem perigos para a republica, sem ameaças contra a sua existencia, sem, ao menos, um decreto dictatorial que o justifique, aconselha-se insistentemente um attentado contra a liberdade de imprensa, uma das liberdades fundamentaes da democracia. Cumpra-se, e quanto antes. Cumpra-se! Para honra e lustre da «joven democracia.»

Eram estas as nossas palavras no *Povo de Aveiro* de 16 de outubro.

Em 25, a *Lucta* e o *Mundo*, no mesmo dia, obedecendo, manifestamente, a uma acção combinada e conjunta, incitavam vivamente o governo a proceder contra nós.

Eis o que a *Lucta* dizia:

Em nome do Governo Provisorio, o sr. governador civil d'Aveiro deve ter, a estas horas, supprimido um jornal que se publica n'aquella cidade, e que é um vasadouro de immundices e infamias, n'este momento procurando attentar contra a segurança das instituições.

A redacção d'esse pasquim está sendo guardada pela força publica, o que torna o caso, alem de infame, burlesco. Estamos em periodo revolucionario? Pois é necessario que o não esqueçam, antes de mais ninguem, as auctoridades republicanas.

E muito desejaremos não voltar ao assumpto.

Ora conhecendo nós perfeitamente o caracter de Brito Camacho, vimos immediatamente que era chegado o instante d'um acto violento contra nós. Brito Camacho é a creatura mais mesquinha de todo o partido republicano portuguez. Peor que Affonso Costa. Affonso Costa, ao menos, é coherente e é franco. Brito Camacho ficou definido desde a dictadura de João Franco. Ao passo que todos os *diarios republicanos* de Lisboa eram suspensos, a *Lucta* accommodava-se tão bem com a dictadura, tão mansamente se portava com o rei e o dictador, que conseguiu atravessar, incolume, a *tempestade*. Não foi suspensa. Nem, de qualquer forma, incommodada. Mas, morto o rei, vencido João Franco, ninguem foi mais feroz, mais implacavel, com a memoria de D. Carlos e com o dictador.

Pela insufficiencia intellectual que nos caracterisa, pela deficiencia mental d'este povo, e que resulta, ou d'uma lamentavel hereditariedade, ou d'uma grande e profunda incultura, Brito Camacho foi elevado por varias creaturas á cathegoria de grande homem. *Na terra dos cegos quem tem um olho é rei.* A verdade, porem, é que apesar d'uma certa correcção e d'uma certa elegancia na forma de dizer, Brito Camacho pouco mais é que um mediocre. Como jornalista não tem folego, vigor, argumentação cerrada, elevação de pensamento. Como litterato, nem pelo estylo, nem pela ideia, attinge as proporções d'um Fialho d'Almeida ou d'um Ramalho Ortigão. Fica muito longe d'isso. Sob qualquer ponto de vista, é uma figura de segunda ordem, repetimos: quasi mediocre. Mas só nós o temos reduzido á justa craveira na critica portugueza. Um odre de vaidade, a mais estupenda vaidade que entre um alfobre de vaidosos tem apparecido, imaginem o odio que não irá no coração d'aquella creaturinha contra nós!

Revelava-o? E' porque nos sabia, com segurança, de braços tolhidos. Ha mezes, muitos mezes, que lhe amachucavamos a vaidade sem elle tugir, nem mugir. Nem uma palavra de resposta, tranzido de medo. Mas sahia, emfim, á estacada? Então sabia-nos já coacto, preso, amordaçado! De facto, eramos preso no dia seguinte. Aquillo estava combinado, previamente preparado, como tudo o mais que se seguiu.

Não vale a pena referir — falta-nos hoje o espaço, deixaremos isso para outro dia — as peripecias do acto da prisão. Apenas accentuaremos que tendo nós declarado abertamente nos dois numeros anteriores do *Povo de Aveiro* que aguardariamos, atravez de tudo, qualquer violencia, seria caricato esperar alguem que resistissemos ou fugissemos. Resistiriamos, sem duvida, a um attentado contra a nossa propriedade ou contra a nossa vida. A' simples prisão, nem resistiriamos, nem fugiriamos. Esse proposito estava bem expresso, repetimos, nos artigos já publicados no *Povo de Aveiro*.

Assim que fomos preso, o governador civil, substituindo-se n'esta cidade ao Reidone, que era antigamente, como correspondente do *Seculo* e gazetas varias quem exercia esse papel em Aveiro, apressou-se a telegraphar aos jornaes annunciando a nossa prisão e a hora certa da nossa chegada a Lisboa. A noticia foi publicada nos jornaes da noite, affixada no *placard* do *Seculo*, ao Rocio, e tudo isto tinha por fim, manifestamente, levar á estação do caminho de ferro a turbamulta, já excitada pelos artigos da *Lucta* e do *Mundo*. Era plano previamente preparado, previamente meditado.

A' meia noite chegava o comboio a Lisboa e succedeu precisamente o que se esperava. Isto é, o que se esperava não. Felizmente, não. Em 100 probabilidades, só uma, a do acaso, era a nosso favor. Noventa e nove eram por um assassinato. Em periodo revolucionario, excitada a turbamulta, por varios motivos, de ha muito, contra nós, assanhada ainda no dia anterior pelos artigos da *Lucta* e do *Seculo*, não se esperava, não se podia esperar, que ella não cahisse, inflammada, rancorosa, sedenta de sangue, sobre nós. Bastaria que um só homem, um só dos exaltados, attentasse contra nós. Todos os outros secundariam o attentado e a morte era certa.

Isto era o que se esperava. Não se podia esperar outra coisa. A não ser que os promotores da *scena* fossem, precisamente, idiotas.

Não aconteceu isso? Não. Porquê? Por um d'aquelles acasos felizes, extraordinarios, que ninguem sabe explicar.

Fomos da estação da Avenida para o governo civil, onde dormimos essa noite. No dia immediato apressámo-nos, logo de manhã, a comprar alguns jornaes. Lá estava a confirmação do que dizemos. A decepção era manifesta. O azedume d'essa decepção, a contrariedade, mais avolumava o rancor. Na cegueira do odio, na embriaguez do rancor, os escrevinhadores chegavam até á imbecilidade. Assim um apontava como prova do nosso *anniquilamento moral* o facto de termos ido, durante todo o percurso do comboio, calado, a um canto da carruagem, sem dar palavra. Queria-nos a conversar, em doce convivio, em alegre camaradagem, com os dois policias que nos acompanhavam!

Um outro accusava-nos de termos desviado os olhos de tudo e de todos, ao atravessarmos por entre a multidão que nos esperava. Queria-nos a olhar para a direita, para a esquerda, para a frente, para a rectaguarda, voltando-nos para aqui e para alli, a provocar com o gesto, com a palavra, com o olhar!

Um outro dava-nos livido, acabrunhado, anniquilado. Nós descemos do comboio e seguimos em frente, sempre em frente, no mesmo passo, sem o demorar nem o apressar, sem nos encolhermos, sem pedirmos soccorro ou piedade, sem o menor acto ou o menor gesto que demonstrasse susto, quanto mais terror!

Um outro ainda, accusava-nos — outra prova de anniquilamento — de termos ido no trem que nos conduziu da estação da Avenida ao governo civil *sem dar palavra*. Queria-nos a perguntar ao official que nos acompanhava, com quem não tinhamos relações, que nunca tinhamos visto, sequer: «O senhor não faz favor de me dizer se vou para a forca ou para a Penitenciaria? Que noticias me dá do meu amigo França Borges, do meu amigo Brito Camacho e do meu amigo Affonso Costa?»

Imbecis!

E como se affronta o pudor, a decencia, a consciencia publica n'esta terra! O *Seculo*, a gazeta do Silva Graça, do Silva Graça! a chamar-me, a mim, traidor á causa republicana, calumniador, renegado!

Como se affronta o pudor, a decencia, a consciencia publica n'esta terra!

A's duas horas da tarde chamou-me o sr. Alberto Silveira, major commandante da policia, para me perguntar porque estava eu preso! Que dissesse eu porque estava preso! Que o governo o ignorava! Que o governo não tinha, de fórma alguma, ordenado a minha prisão! Que o governador civil tinha telegraphado ao governo communicando-lhe que me tinha prendido e remettido para Lisboa, mas sem dizer mais nada!

Assombroso!

Ao mesmo tempo a *Lucta* publicava um despacho do governador civil d'Aveiro, que este, no dia seguinte, confirmava em carta dirigida ao mesmo periodico, a dizer que elle, governador, só tinha mandado para defronte da redacção do *pasquim* — termos do cavalheiro — um unico policia, *durante dois dias apenas* (o italico é do cavalheiro) e esse, não para guardar a casa, mas para (termos textuaes) *prevenir que eu fugisse*, pois já constava a esse tempo que havia sido ordenada a minha prisão superiormente.

Mas como tinha sido ordenada a minha prisão *superiormente*, se o sr. ministro do interior encarregara o sr. major Alberto Silveira de me participar o contrario e de me perguntar, a mim, porque era que, afinal, eu estava preso?

Mas como era que um policia, *um só policia*, podia evitar que eu fugisse, se a minha casa é isolada, tendo sahida pelos quintaes e por outros lados?

Mas como era que tendo decorrido tantos dias, quinze dias, depois do *Mundo* ter annunciado a minha prisão, só *dois dias* o policia esteve á minha porta para evitar que eu fugisse?

Esses dois dias precederam, ao menos, o dia da prisão? Qual! Quando fui preso, já elle, o policia, não andava, ha uns poucos de dias, na visinhança.

Assombroso! Cada vez mais assombroso!

A' meia noite d'esse dia de quinta feira, 27 de outubro, fui transportado do governo civil para o Limoeiro. O governo já sabia, emfim, porque me tinha prendido o cidadão Coutinho!

No Limoeiro fiquei incommunicavel.

A's 4 horas da tarde de sexta feira, 28, fui interrogado pelo sr. juiz Meyrelles, que me atirou á queima-roupa com este artigo do libello: «O senhor é accusado de ter tentado organisar um *complot* contra a republica.»

Ri-me!

Na segunda feira, 31, voltou o sr. juiz Meyrelles a interrogar-me. Mas ainda n'esse dia me fez uma unica pergunta. «Onde vae o senhor buscar dinheiro para sustentar o *Povo de Aveiro?*»

Segunda vez me ri!

Respondi-lhe: «O *Povo de Aveiro* nunca tirou menos de dez mil exemplares. E ultimamente estava tirando dezesete mil! Dá dinheiro para elle, para mim, e ainda para comprar algum auxiliar se um dia, de facto, quizer conspirar contra a republica.»

Ri-me! Pois que havia eu de fazer, senão rir-me? Porem, antes d'isso, formulei, por minha vez, um tremendo libello contra os meus accusadores. E até contra o proprio juiz. Na sexta-feira, 28, o chefe dos guardas da cadeia havia perguntado ao juiz, deante de mim: «Levanta-se a incommunicabilidade ao detido no fim de 48 horas, como determina a lei?» O juiz, azedado com a pergunta, respondeu, mal humorado: «Eu não sei de incommunicabilidade nenhuma. Ninguem m'a participou. Se soubesse, a lei havia de se cumprir.» Tres dias depois, o juiz não só continuava a ignorar a incommunicabilidade, como nem se recordava de que o chefe dos guardas lhe houvesse dito, a tal respeito, qualquer coisa!

Protestei. Protestei largamente e energicamente contra essa e outras coisas. E em taes termos protestei que o juiz me pronunciou! Não fui pronunciado como conspirador. Como auctor do decantado *complot*. Sobre esse ponto o juiz só me fez uma pergunta: *donde vinha o dinheiro com que eu fazia face ás despezas do «Povo de Aveiro»*. Eu fui pronunciado por... diffamar dentro da cadeia do Limoeiro, durante os interrogatorios, os ministros e funccionarios da republica!

Entretanto, passavam-se cá fóra coisas interessantissimas. A minha casa era invadida pela policia de Lisboa, que, sob as vistas do juiz de direito e do delegado da Republica, vasculhava todos os recantos, e, examinando-os e lendo-os, todos os papeis encontrados nas commodas, nas estantes, nos armarios e gavetas.

Eu ria-me, na cadeia. E emquanto eu me ria na cadeia, cá fóra, em Aveiro, ria-se todo o mundo, incluindo muitos dos meus maiores inimigos. Não era caso para menos. Imagine-se que o ponto capital do *complot* era este: *Eu tinha acoitado em minha casa jesuitas!* N'uma casa cheia de typographos, em obras, os carpinteiros republicanos, e os typographos, alguns, socialistas!

Era o cumulo do ridiculo. A eterna tragedia-comedia da vida portugueza. Não tendo morrido assassinado ao desembarcar em Lisboa, na estação da Avenida, acabava, depois de 9 dias de rigorosa incommunicabilidade, sob os anathemas e injurias do Camacho, que me suppunha anniquilado para sempre, d'outra fórma não seria elle que abriria o bico, acabava... por trazer no bolso jesuitas!

Ah, que nunca falta esta nota! No meio das nossas coisas mais sérias ha de sempre apparecer a marca da casa: o ridiculo!

Isso é que é moralidade?

Como em tempo annunciámos, haviam sido transferidos, por motivo disciplinar, todos os empregados da estação telegrapho-postal d'esta cidade. Pois já voltaram!

Este caso tem sido vivamente commentado, e tem causado profundo desgosto entre muitos dos proprios republicanos. E' motivo para isso, na verdade.

Ha aqui dois casos a distinguir. Ou os empregados foram transferidos por motivo politico, simplesmente, ou por outras infracções disciplinares. Foram transferidos só *por motivo politico?* Só por terem *opiniões republicanas?* Todos elles eram republicanos? Todos elles foram transferidos *só por serem republicanos?* Então era justo que regressassem. Mas foram transferidos por outras *infracções disciplinares?* Todos elles ou alguns d'elles? Então não podiam, então não deviam regressar.

Isto vae mal. Muito mal. A republica não pode, de forma nenhuma, firmar e sanccionar os principios que tanto combateu durante o regimen monarchico. De forma nenhuma!

Se a sua justiça e a sua moralidade são as mesmas, então temos conversado.

Isto vae mal. Aveiro precisa de pensar em si, e de sahir de uma situação humilhante, falsa, que não pode continuar.

Ha ahi republicanos bons, como os ha por toda a parte. Que se imponham! Que façam valer os sãos principios! Ou arrependem-se. Mas quando se arrependerem, depois d'uma legitima reacção ter dado novamente o predominio aos antigos elementos monarchicos, será tarde.

HOMEM CHRISTO, FILHO

A viagem de Homem Christo, Filho, pela America do Sul. As suas conferencias. As festas em sua honra. Os jornaes do Rio de Janeiro, de S. Paulo, de Santos e de Campinas. "Cosmopolia" a grande revista franceza de que Homem Christo, Filho é redactor-chefe, acceite e acclamada com enthusiasmo no Brazil. O grande comité federal de patrocinio e collaboração: Coelho Netto, Sylvio Romero, João do Rio, Mario de Alencar, José Verissimo, Olavo Bilac, Lopes Trovão, Felix Pacheco, Rodolpho Bernardelli, Pinto da Rocha, membros do Grande Comité Federal. Os Comités Estadoaes. As entrevistas de Homem Christo Filho com o dr. Nilo Peçanha, presidente da Republica. Homem Christo, Filho regressa a Paris dentro de alguns dias e o 1.º numero da "Cosmopolia" será publicado a 1 de janeiro proximo.

Faz quatro mezes que n'este jornal noticiámos a partida de Homem Christo, Filho para a America do Sul, em propaganda da grande iniciativa de intercambio intellectual e aproximação entre os povos em que está empenhado. Faz quatro mezes que o redactor-chefe de *Cosmopolia* embarcou a bordo do luxuoso paquete *Amazone* com destino ao Brazil, e de novo se encontra entre nós, devendo seguir para Paris na proxima semana.

Pouco depois começavam a chegar-nos ás mãos os jornaes brazileiros, em que lhe eram dedicadas columnas inteiras, dando conta das festas que por toda a parte se organisavam em sua honra, do enthusiasmo com que o povo do Rio de Janeiro accorria ás suas conferencias, desejoso de ouvir a sua palavra, da forma tão lisongeira como era recebido pelas auctoridades brazileiras, pelos seus homens de lettras, pelos seus artistas e pela imprensa.

Foi com enorme prazer que vimos confirmadas todas as nossas previsões e que hoje, felicitando-o, damos conta ao publico dos diversos e curiosos incidentes da sua longa viagem pelo Brazil, agora terminada.

No dia immediato ao do seu desembarque no Rio de Janeiro, 2 de agosto, os jornaes da capital federal e especialmente o *Correio da Manhã* e a *Gazeta de Noticias* dedicavam-lhe longos artigos, expondo os seus planos, o fim da sua viagem e affirmando o seu incondicional appoio á notavel obra que levava Homem Christo, Filho ao Rio de Janeiro.

Em 5 de agosto o *Seculo*, um dos mais importantes jornaes da tarde, depois de longas considerações, terminava assim o seu artigo:

«O sr. Homem Christo, Filho, que grande appoio tem encontrado, provavelmente se fará ouvir em conferencias aqui no Rio de Janeiro, onde teremos o prazer de admirar o seu peregrino talento e a sua brilhante illustração.»

O *Correio da Manhã*, de 6 de agosto, dizia:

«O sr. Homem Christo, Filho, que, como opportuna e desenvolvidamente noticiámos se encontra ha dias n'esta capital, na qualidade de director da revista de litteratura internacional *Cosmopolia* que vae começar a publicar-se em Paris, tem encontrado no Rio de Janeiro o mais caloroso acolhimento por parte dos nossos artistas e homens de lettras mais distinctos.

E' justissima esta attitude tomada pelos litteratos brasileiros, dado o sympathico e vastissimo programma de *Cosmopolia* que, em toda a Europa, despertou o mais vivo interesse e que só pode prestar serviços dos mais valiosos á litteratura nacional.

O sr. Homem Christo, Filho iniciará na proxima semana as suas conferencias n'esta cidade devendo versar a primeira sobre a *Arte e litteratura brasileiras, no estrangeiro.*»

O ponderado e severo *Jornal do Commercio* escrevia na sua edição da manhã de 13 de agosto, o seguinte:

«Foi com o maior enthusiasmo que o nosso meio intellectual acolheu a iniciativa da fundação da grande revista de vulgarisação das litteraturas estrangeiras em Paris, *Cosmopolia*, de que é redactor-chefe o brilhante escriptor portuguez Homem Christo, Filho, *recebido entre os nossos jornalistas e litteratos com as mais carinhosas demonstrações de apreço e sympathia.*

Os trabalhos de organisação do 1.º numero estão muito adeantados, achando-se tambem quasi organisado o grande comité de patrocinio e collaboração que conta entre os seus membros os representantes mais illustres das lettras e artes brasileiras.

E' na proxima terça-feira, 16, ás 4 horas da tarde, que teremos o prazer de ouvir o sr. Homem Christo, Filho, que é um brilhante orador, na sua primeira conferencia, que se realisa no Theatro Municipal, sendo o thema —: *A litteratura e arte brasileiras no extrangeiro*, assumpto do maior interesse para todos os nossos compatriotas.

Versarão as seguintes conferencias sobre —: *Octave Mirbeau no theatro e no romance, Madame Catulle Mendès e a poesia feminina, A arte e litteratura japonezas, A litteratura russa* e *A tragedia grega e a tragedia moderna.*

O distincto escriptor terá a ouvi-lo, estamos certos, um numeroso e selecto auditorio, não só pelas suas bem conhecidas faculdades oratorias, coma ainda pelo appoio de que é digna a sua obra.»

Em 11 de agosto reflectia *O Paiz* o enthusiasmo que corria nos centros intellectuaes e a curiosidade com que era esperada a primeira conferencia de Homem Christo, Filho.

A 13 de agosto continuavam o *Jornal do Commercio*, *O Paiz*, *A Folha do Dia*, *A Imprensa*, *O Diario de Noticias*, *A Noticia*, *O Seculo* e *O Portugal Moderno*, orgão da colonia portugueza, dando conta dos trabalhos do nosso collaborador e relatando a entrevista havida na vespera entre este e o sr. Presidente da Republica dizia *A Imprensa*, de que é director Alcindo Guanabara, o jornalista mais considerado do Brasil:

«O litterato portuguez, sr. Homem Christo, Filho, a quem largamente nos temos referido, realisa terça-feira proxima, ás 4 horas da tarde e sob a presidencia do sr. Prefeito do Districto Federal, a sua primeira conferencia sobre a *Arte e litteratura brasileiras no extrangeiro*, a que se seguirão outras, sobre assumptos não menos interessantes.....

.....

Recebido hontem, em audiencia especial, pelo sr. Presidente da Republica, o illustre chefe do Estado manifestou-lhe toda a sua sympathia pela notavel obra que emprehendeu e que o trouxe ao Rio de Janeiro, assegurando-lhe que, emquanto se encontrasse no Brasil, seria em toda a parte recebido com a carinhosa hospitalidade que lhe tem sido dispensada entre nós e com o mais caloroso appoio, por parte das auctoridades. O dr. Nilo Peçanha prometteu, egualmente, recommendar ao governo com interesse o sr. Homem Christo, Filho, e foi convidado para assistir á conferencia de terça-feira.»

Na 1.ª columna da 1.ª pagina da sua edição da tarde de 15 de agosto, dizia ainda o *Jornal do Commercio* reflectindo a opinião geral das classes poderosas do Rio de Janeiro:

«Como noticiámos, realisa-se ámanhã, ás 4 horas da tarde e sob a presidencia do sr. Prefeito do Districto Federal, a primeira conferencia do sr. Homem Christo, Filho, redactor-chefe da *Cosmopolia*, a grande revista franceza a que nos temos referido.

A *Arte e a litteratura brasileiras no extrangeiro*, são um thema summamente interessante e da maior actualidade, pois que justamente a obra emprehendida pela sociedade fundadora da *Cosmopolia* é estabelecer, de uma fórma pratica, o intercambio intellectual entre a Europa e a America, approximando os dois povos e desenvolvendo o espirito de internacionalismo e solidariedade que existe latente no espirito de todo o homem moderno. E assim, por meio do theatro, da revista, da conferencia, esta sociedade, patrocinada e appoiada effectivamente pelos intellectuaes do mundo inteiro, realisa a obra do futuro, desinteressadamente, movida apenas pela aspiração formosissima de contribuir utilmente para o progresso da humanidade.

A perseverança e a actividade incansavel do illustre litterato portuguez que se encontra á frente d'esta difficil tarefa, são garantias seguras do seu exito se o publico lhe dispensar o auxilio que merece, como esperamos.»

O Paiz de terça-feira, 16 de agosto, escrevia, n'um longo artigo acompanhado do retrato de Homem Christo, Filho:

«A curiosidade que muito justificadamente teem despertado no Rio de Janeiro as conferencias, que hoje se iniciam, do nosso presado collega, sr. Homem Christo, Filho, redactor-chefe da *Cosmopolia*, augmenta de dia para dia, não só pelo interesse que desperta em todo o mundo culto o apparecimento da grande revista de litteratura internacional, como ainda pela sympathia e admiração que merece o sr. Homem Christo, Filho, seu distincto director, pela maneira intelligente e desinteressada como se dedicou a essa grande obra de largo alcance social.

Desde os tempos em que frequentou a Universidade de Coimbra que é conhecido o seu bello espirito, a sua dedicação, o enthusiasmo com que serve todas as idéas generosas e todos os sentimentos alevantados.

Partidario dos mais rasgados principios de liberdade e emancipação, sem comtudo se enfeudar a nenhuma seita, rebelde a todos os dogmas, sejam elles dos conservadores ou dos avançados, o distincto litterato não tem cessado, em Paris, de trabalhar dia a dia em favor das grandes idéas, o que lhe valeu a sympathia de todo o mundo culto e a prova de consideração com que acaba de ser distinguido pelo lisongeiro convite a occupar o cargo de redactor-chefe da *Cosmopolia*.

E', pois, bem merecido o acolhimento que lhe tem sido feito n'esta capital, e justo é que o nosso publico, sempre prompto a fazer justiça, corra a ouvi-lo, como compensação dos espinhos e das difficuldades que, na realisação de tão grande obra, o sr. Homem Christo, Filho certamente ha de ter encontrado a estorvar-lhe os passos.....

.....»

A *Gazeta de Noticias*, na 1.ª columna da sua

1.ª pagina do dia 16 de agosto dissertava longamente sobre a conferencia d'essa tarde, e da mesma fórma a *Noticia*, que é considerado o mais importante jornal da tarde do Rio de Janeiro.

No dia seguinte *O Paiz* referindo-se á conferencia de Homem Christo, Filho, no Theatro Municipal tinha para elle, entre outras, estas amaveis palavras:

«*A Arte e a litteratura brasileiras no extrangeiro* foi, como dissémos, o thema escolhido pelo sr. Homem Christo, Filho, para a conferencia que effectuou no Theatro Municipal, 1.ª da serie que tenciona realisar em propaganda da revista internacional *Cosmopolia*, que vae publicar-se em Paris e de que é redactor-chefe.

Apesar da concorrencia ao Municipal ser, infelizmente, diminuta, o sr. Homem Christo soube arrancar fartos applausos á assistencia que, justamente, apreciou o minucioso e explendido trabalho do distincto publicista.....
.....»

Em seguida *O Paiz* dá um longo extracto da conferencia, terminando por citar os nomes de algumas das pessoas mais importantes que a ella assistiram.

Entre estes lemos os dos srs. Prefeito do Districto Federal, que tomou a presidencia, Ministro de Portugal, D. Sebastião de Lencastre, Coelho Netto, João do Rio, José de Alencar, Viscondessa de Sande, Barão de Teffé, Dr. Alcibiades Peçanha, Secretario do Presidente da Republica, Almirante Alexandrino de Alencar, Ministro da Marinha, Dr. Rodolpho de Miranda, Ministro da Agricultura, Senadores Lopes Trovão e Pinheiro Machado, Chefe do partido republicano, Senador Coelho Lisboa, deputados Germano Hasslocher, Irineu Machado, Pedro Moacyr, Rodolpho Bernardelli, da Academia de Bellas Artes, Julião Machado, redactor artistico d'*O Paiz*, Dr. Celestino Vicente, e representantes de todos os jornaes.

Ainda sobre esta conferencia dizia o *Portugal Moderno* de 20 de agosto n'um artigo intitulado *A notavel conferencia no Theatro Municipal do sr. Homem Christo, Filho—Nova conferencia publica e patriotica no Gabinete Portuguez de Leitura:*

"O joven litterato portuguez sr. Homem Christo, Filho, realisou em 16 do corrente no Theatro Municipal a 1.ª conferencia da serie que tenciona fazer n'esta capital, como representante da grande revista parisiense *Cosmopolia*, de que é redactor-chefe e que será publicada na capital franceza.

Pela estreia do nosso illustrado patricio verificámos com satisfação que são perfeitamente fundados todos os encomios que lhe teem prodigalisado.

De feito, o sr. Homem Christo tem os predicados de um orador de *élite;* não lhe falta dicção, timbre, modulação de voz e gesticulação, tudo appropriado a emocionar e a dominar o auditorio.

Quanto ao estylo attico, á belleza das imagens, á erudição e ao conhecimento do assumpto, o sr. Homem Christo, Filho não só satisfez, como ultrapassou toda a espectativa, deliciando por mais de uma hora o reduzido mas excepcionalmente selecto auditorio que o applaudiu com sinceridade e enthusiasmo.

.....

Homem Christo, Filho, é digno, a todos os respeitos, de ser ouvido; não só pelo seu talento, pelo seu saber e pela sua eloquencia, mas tambem pela maneira prudente e delicada como se desvia da apreciação de graves assumptos da nossa patria.

Emfim, elle honra as lettras portuguezas, e bom será e é de esperar que na seguinte conferencia que o nosso illustre patricio vae realisar no Gabinete Portuguez de Leitura, na proxima segunda-feira, 22 do corrente, a colonia se faça representar devidamente pelos seus membros mais distinctos.

As nossas felicitações a Homem Christo, Filho pela sua bella estreia, embora não compensada, como merecia ter sido, com um numeroso auditorio.»

A *Gazeta de Noticias*, noticiando a 2.ª conferencia do nosso collaborador dizia:

«O Gabinete Portuguez de Leitura terá na proxima segunda-feira, ás 8 horas, mais uma noite de festa com a conferencia que alli realisará o apreciado escriptor portuguez sr. Homem Christo, Filho, que é incontestavelmente uma das figuras mais distinctas da nova geração litteraria de Portugal.

O redactor-chefe de *Cosmopolia* dissertará sobre a *obra de Cosmopolia, Portugal no extrangeiro* com a mesma proficiencia que antehontem revelou na notavel conferencia realisada no Theatro Municipal.

O Gabinete Portuguez honrou se mais uma vez, acolhendo no seu seio o sr. Homem Christo, digno e glorioso representante da intellectualidade portugueza.»

A segunda conferencia de Homem Christo, Filho, realisou-se, com effeito, na noite de 22 de agosto, e pelos jornaes do dia immediato, pelas attenções que lhe foram dispensadas, pelas manifestações de que foi alvo, se pode avaliar da gentileza do povo brasileiro.

Transcrevemos textualmente do *Paiz:*

«No salão nobre do Gabinete Portuguez de Leitura, realisou hontem á noite o sr. Homem Christo, Filho a sua segunda conferencia sobre a *A obra de Cosmopolia — Portugal no extrangeiro.*

«Como se tem dito, o sr. Homem Christo está fazendo a propaganda da grande revista internacional *Cosmopolia* que vae publicar-se em Paris e da qual o distincto litterato portuguez é redactor-chefe.

Do seu bello trabalho vamos dar um resumido extracto, sufficiente apenas para mostrar aos nossos leitores quanto foram justos os applausos com que a numerosa assistencia o coroou.

O orador começa por agradecer á Directoria do Gabinete Portuguez de Leitura a amabilidade do seu convite e á colonia portugueza o ter accorrido em tão grande numero a escutar a sua voz modesta e pobre, a sua palavra sem eloquencia e sem brilho.

Pede a attenção do auditorio para o assumpto que vae tratar, que é da maior actualidade e do mais largo alcance social. Em seguida descreve a sua chegada ao Rio de Janeiro, a impressão que lhe produziu o immenso clarão que a cidade illuminada projecta nos ceus e se descobre a algumas milhas de distancia. Refere-se á heroicidade dos descobridores portuguezes, fazendo a historia da viagem de Pedro Alvares Cabral e da descoberta do Brazil, com evocações enthusiasticas que impressionam o auditorio. Comparando a impressão que sentiu ao ver no espaço o clarão projectado do Rio de Janeiro com a imagem luminosa que a lenda diz ter Affonso Henriques divisado nos ceus antes da batalha de Ourique, diz sentir-se, como elle se sentiu, forte e animoso, na certeza prévia do triumpho.

A raça portugueza não é uma raça inferior, Portugal não é um paiz perdido. Não morreu e não morrerá jámais. Para o provar basta volver os olhos para o Brazil, povo forte e progressivo, continuador glorioso de Portugal, carne da mesma carne, sangue do mesmo sangue, que affirma em todos os ramos das lettras, das artes e das sciencias, a superioridade da raça portugueza, os elementos vitaes que ella possue e a tornam uma raça do futuro, incansavel batalhadora da civilisação, raça de heroes e de santos. Rebate um por um os argumentos d'aquelles que pretendem ter Portugal chegado a um periodo de decadencia e demonstra á evidencia a falta de fundamento d'essas affirmações.

Em phrases vibrantes analysa rapidamente a historia de Portugal e da litteratura portugueza, descrevendo em poucas, mas incisivas palavras, o temperamento e a obra dos escriptores contemporaneos do seu paiz.

Tem palavras de especial louvor para Fialho d'Almeida, Ramalho Ortigão e Albino Forjaz de Sampaio, demorando-se a dissertar sobre Justino de Montalvão que os intellectuaes da França não dispensam nos suas reuniões e enche de gloria o nome de Portugal.

Analysa a *Poeira de Paris* e o seu ultimo livro *Italia Coroada de Rosas,* definindo maravilhosamente o temperamento do escriptor e o coração do homem. As palavras de Homem Christo, Filho sobre Justino de Montalvão provocam grande enthusiasmo na assembléa que confunde na mesma ovação calorosa os nomes dos dois litteratos.

O orador refere-se ainda a Alberto de Oliveira e Antonio Feijó, respectivamente ministros de Portugal em Berne e Stockolmo, em termos muito elogiosos, e termina essa primeira parte do seu notabilissimo discurso, dizendo: «Quem, pois, em face d'esse espantoso movimento intellectual, em face dos progressos assombrosos do Brasil, nosso filho legitimo, em face da tenacidade, da perseverança, do raro espirito pratico da colonia portugueza no Rio de Janeiro, ousar dizer que nós somos um povo decadente, uma raça sáfara ou perdida, sem elementos para triumphar nas luctas da civilisação, mente, meus senhores, mente sem escrupulos, mente sem vergonha, e não merece senão o nosso despreso, a nossa piedade, o nosso mais absoluto e frio desdem.

«Por isso, continúa o director da *Cosmopolia,* — porque as minhas convicções adquiridas á custa d'um estudo sereno e reflectido, são inabalavelmente estas, é que eu me senti contente ao entrar n'esta formosissima cidade que vós edificastes, é que eu, certo de que me acompanhareis na grande tarefa em que estou empenhado, me creio hoje seguro do triumpho.»

O sr. Homem Christo, Filho faz em seguida um curioso estudo sobre a evolução da humanidade, as suas tendencias actuaes para o internacionalismo, os sentimentos de profunda solidariedade que existem no intimo de cada homem do seculo XX. Descrevendo a catastrophe de Messina, relata o movimento expontaneo de solidariedade que esse acontecimento provocou em todo o mundo, e conclue n'um repto de oratoria que provoca uma intensa ovação.

Desenvolve largamente o plano de *Cosmopolia,* descreve o seu projectado theatro, o seu programma de exposições, etc., e affirma que jámais se realisou uma tão vasta obra de intercambio intellectual.

Analysa a influencia da arte na vida e termina pedindo o auxilio da colonia portugueza para a sua obra.

O sr. Homem Christo foi immensamente acclamado.»

Assim terminava o *Paiz* o extracto da conferencia do sr. Homem Christo, Filho que foi a terceira da série por elle realisada no Rio de Janeiro.

Dois dias passados era-lhe offerecido um banquete por um grupo de jornalistas brasileiros, e Homem Christo convidado a assistir á festa dada em honra de Oswaldo Cruz no Palacio Monróe e ali fotografado em companhia do ex-presidente da republica dr. Rodrigues Alves e do illustre medico saneador do Rio de Janeiro.

A quarta e ultima realisou-se no Salão nobre da Associação dos Empregados do Commercio, a 1 de setembro.

Sobre ella dizia em 29 de agosto, o importante jornal *O Paiz:*

«Como noticiámos, realisa-se na proxima quinta-feira, ás 8 horas da noite, no salão nobre da Associação dos Empregados no Commercio, a 4.ª e ultima conferencia da série que o illustre redactor-chefe de *Cosmopolia*, sr. Homem Christo Filho, tem feito n'esta capital.

O assumpto é summamente interessante — *A mulher brasileira e a mulher portugueza no passado e no futuro* e, por certo, levará ao salão nobre da Associação dos Empregados no Commercio um selecto e numeroso auditorio.

O sr. Homem Christo, Filho partirá em seguida para S. Paulo, Campinas, Santos e Montevideu, devendo estar em Buenos Ayres até 15 de outubro para encontrar-se com o illustre litterato sr. Blasco Ibañez, presidente do *comité* hespanhol da grande revista internacional *Cosmopolia,* que o acompanhará no resto da sua viagem pela America do Sul e com elle segue para a Europa.

No proximo sabbado parte para S. Paulo, o secretario particular do sr. Homem Christo, Filho.»

Em noticia aliás errada sobre o assumpto d'esta ultima conferencia dizia no proprio dia o *Diario de Noticias* orgão do senador Ruy Barbosa:

«O nosso illustre collega e hospede sr. Homem Christo, Filho, realisará hoje, ás oito horas da noite, uma importante conferencia sobre o thema, «Litteratura Brasileira.»

Essa palestra litteraria será n'um dos salões de honra do grande edificio da Associação dos Empregados no Commercio, onde o conferencista já fez, com agrado e successo, um outro trabalho versando sobre o mesmo assumpto, que é da predilecção artistica do sr. Homem Christo, Filho e que muito o recommenda á consideração dos nossos patricios.

Com esta segunda, fecha elle a série de quatro conferencias trabalhadas a capricho, com a consciencia de quem se dedica a estudos de tanta monta e se sente satisfeito em vulgarisá-los atravez d'uma preciosa exposição ao publico dilettante.

Depois d'isto, o nosso illustre collega se dirigirá ao Estado de S. Paulo, onde foi convidado a realisar outras tantas conferencias, todas ellas em propaganda da grande revista *Cosmopolia* que brevemente apparecerá á luz em Paris, n'um texto variado sobre sciencias, lettras e artes de todos os paizes.

Temos noticiado que o valioso *magazine* promette uma grande duração e corresponderá a todas as espectativas e a todos os gostos, e até os mais exigentes, porque será publicado sob os auspicios d'uma importante sociedade norte-americana e europeia.

Como se vê a forma de réclame de semelhante revista é original e distincta, digna de quem a vae lançar a publico por um modo tão suggestivo e de tanta elevação artistica.»

Na mesma tarde de 1 de setembro lia-se n'*A Tribuna:*

«No salão da Associação dos Empregados no Commercio, o sr. Homem Christo, Filho fará hoje, ás 8 horas da noite, uma conferencia litteraria que tem por thema — *A mulher brasileira e a mulher portugueza no passado e no futuro.*

Pelo interesse que desperta o thema da conferencia que o distincto litterato tratará com o brilhantismo a que já estamos habituados, temos a certeza que o bello salão da Associação se encherá completamente.»

Como era pois esperado e previsto pela imprensa a conferencia ultima de Homem Christo, Filho no Rio de Janeiro foi a mais concorrida e apreciada.

Nos jornaes do dia immediato encontra-se o reflexo da manifestação que lhe foi feita, destacando-se particularmente *O Paiz, Correio da Manhã, Jornal do Commercio, Diario de Noticias, Folha do Dia, Portugal Moderno, Tribuna,* e *Noticia.* Medeiros de Albuquerque, o eminente jornalista e orador escrevia no dia seguinte a *ordem do dia* da *Noticia* sobre os trabalhos de Homem Christo, Filho, dedicando-lhe palavras amabilissimas.

Em S. Paulo, telegrammas successivos noticiavam as manifestações do Rio e a chegada do sr. Crysantho de Mello, secretario particular de Homem Christo, Filho que o acompanhou em toda a America do Sul.

E assim terminaram os seus trabalhos no Rio de Janeiro como noticiavam em 8 de setembro os jornaes da grande capital:

«Terminados os trabalhos de preparação e propaganda da revista *Cosmopolia,* de que é redactor-chefe o sr. Homem Christo, Filho que n'esta cidade realisou uma série de bellas conferencias seguiu hontem para S. Paulo.

Constituiu-se o grande *comité* brasileiro de patrocinio e collaboração, de que fazem parte algumas figuras das mais eminentes da nossa terra, e o *comité* auxiliar a que pertencem, egualmente, nomes dos mais apreciados e estimados entre nós.

O grande *comité* inicia na proxima segunda feira os seus trabalhos, bem como o *comité* auxiliar que desde já começa a receber nomes das pessoas que desejarem ser assignantes da grande revista franceza, além dos já inscriptos nos livros que teem estado expostos em varias casas d'esta cidade.»

No proximo numero daremos noticia aos nossos leitores dos trabalhos de Homem Christo, Filho em S. Paulo, Campinas e Santos, onde foi surprehendido pela noticia da proclamação da republica em Portugal.

Radicalismos!

Radicalismos!

Não se apregoam senão radicalismos! Eu não tenho hoje tempo para analysar a lei do divorcio, cheia, como todas as outras que teem sahido da forja ministerial, d'incoherencias e de monstruosidades juridicas. Mas já a ouvi apregoar como a mais avançada da Europa e do mundo!

Ha dias, atravessando de comboio a extremadura, notei que a apanha da azeitona já se estava fazendo pelos processos adoptados nos povos cultos. E observei a mim proprio: *Vejam lá, que até isto nos ensinou o extrangeiro!*

Tudo nós fomos aprender ao extrangeiro. Tudo! Nós não sabiamos e nós não sabemos fazer azeite, como elles. Nós não sabiamos, nós, paiz vinhateiro, nem sabemos, fazer vinho como elles! Nós não sabiamos, e nós não sabemos, fazer queijo como elles! Nós não sabiamos, e não sei se já sabemos, fazer manteiga como elles! E nós não sabiamos, e ainda hoje não sabemos, fazer pão egual ao d'elles!

Ramo algum da industria, do commercio, da agricultura, sabemos explorar como elles!

Nenhum progresso artistico, litterario ou scientifico nos colloca acima d'elles. Mas, em leis, ficamos agora a nação mais progressiva e mais liberal do mundo!

Pois esta simples comparação não basta para nos condemnar como um povo illogico, incoherente, insensato, verdadeiramente apoucado de juizo?

O futuro ha de fulminar a inferioridade, a enorme inferioridade d'esse homem tão acclamado n'este instante como um reformador.

Todo o povo tem as leis correspondentes ao seu estado mental. Isto é, correspondentes á sua moralidade, á sua educação, á sua aptidão, á sua tradicção, aos seus habitos, ao seu clima, ás suas qualidades de adaptação ao meio biologico e ao meio social, á sua raça, á sua historia, á sua cultura. Pôr de parte esses elementos de apreciação, de condição, de existencia, ficar atraz ou ir alem do estado social da media d'um povo, é dar provas de estupidez. De manifesta estupidez. Pois é o que está fazendo aquelle que o elogio mutuo, que o snobismo barato, que o reclame banal ahi apregoa pelas tubas da fama como um *relampago*, um homem de genio, um colosso, um desmedido estadista.

Alem de serem, juridicamente, peças detestaveis as leis que estão sendo promulgadas pelo ministerio da justiça, são socialmente inapplicaveis a este povo. São elementos de perturbação, de dissolução, como tudo aquillo que se não adapta ás condições do ambiente. Uma planta, um animal, tirado do seu meio, degenera ou morre. Um homem morre por falta d'ar se mergulhar na agua e o peixe morre por ar excessivo se o arrancarem ao seu elemento. Os principios de biologia, como os principios de sociologia, são d'uma verdade constante e absoluta. Pois ninguem vê isso em Portugal e ahi vamos nós embarcados, a dar vivas, em explosões d'enthusiasmo, em cabriolas d'alegria, n'um barco sem piloto, nem guarnição habilitada, de caldeiras estaladas e de leme partido.

Ao mesmo tempo que o ministerio da justiça é um motu-continuo de leis disparatadas, boccados cortados aqui e alem, mal juntos depois e mal serzidos, o ministerio das finanças, o ministerio do fomento, o ministerio do interior não dão signal de si. Isto é, demonstra-se eloquentemente que *ninguem* estava preparado na republica com um plano de reformas intelligentes. Que ninguem tinha estudado as necessidades mais instantes do povo portuguez. Que a questão politica prefere porque é a mais facil, ainda que a mais perigosa e a mais perturbadora, mais facil porque se bebe sobre o joelho em meia duzia d'expositores ou de codigos extrangeiros, e que a questão economica, a questão educativa, a questão social, emfim, fica para traz, porque exige estudo de condições e de meio, preparação individual, peculio cerebral, e não havia no partido republicano quem tivesse feito esse estudo, quem tivesse essa preparação e possuisse esse peculio.

Ah, fim de raça, fim de raça!
Que esterilidade, que esterilidade!
Tão dolorosa! Tão extrema!

Licções de Historia

A revolução de 1820 fez-se com um pronunciamento militar. E tomando parte n'elle altas patentes militares, como os coroneis Bernardo Correia de Castro Sepulveda, Sebastião Drago Valente de Brito Cabreira, Antonio da Silveira Pinto da Fonseca, e outros, com effectivos commandos de tropas. Ninguem resistiu! Tudo adheriu! Adheriu o norte! Adheriu o sul! Adheriu clero, nobreza e povo! Adhesões tantas, tão numerosas e tão escandalosas, que os revolucionarios resolveram *não as acceitar*. Mais, contra ellas revoltar-se! Assim, tendo a regencia de Lisboa adherido tambem, os revolucionarios do norte resolveram *manda-la á fava,* e marchar com uma divisão militar sobre a capital!

Tudo adheriu! Tudo cantou hymnos e atirou foguetes! Não obstante, o paiz era profundamente absolutista e catholico!

O commandante de uma das brigadas revoltadas era o celebre Telles Jordão, mais tarde o feroz algoz dos liberaes.

Marcharam sobre Lisboa. Mas a guarnição de Lisboa não esperou que elles chegassem lá. O regimento de infanteria 16 — este regimento foi o primeiro, em todos os tempos, a revoltar-se — revoltou-se contra a regencia — que aliás já tinha *adherido* á revolução — sendo seguido por outros corpos da guarnição. O general conde de Rezende associou-se aos revoltosos e a regencia foi substituida por um governo provisorio.

Dir-se-ia que o paiz inteiro era liberal! E, repetimos, o paiz era profundamente absolutista e catholico.

No dia 4 d'outubro entrou em Lisboa o exercito que avançava do norte. Foi um enthusiasmo delirante! O exercito entrou no meio das mais calorosas ovações populares!

Tres annos — ainda assim durou tres annos — existiu o regimen liberal. Durante esses tres annos houve varias sedições e deu-se um facto interessante, egual, como muitos outros, ao que se está dando agora. E' singular como os factos revolucionarios se repetem em Portugal com persistente uniformidade. O que predominou no governo provisorio, na propaganda eleitoral e no acto eleitoral, foi o elemento exaltado, que só admittia os mais avançados principios democraticos! Para um paiz inculto, atrazado, no fundo absolutista e catholico! Tal e qual como agora.

Foi em 27 de maio de 1823 que rebentou em Lisboa a contra revolução ao mando de D. Miguel, conhecida pela *Villafrancada* porque foi em Villa Franca, para onde o infante com o regimento de infanteria 23, se retirara, que D. Miguel acclamou o absolutismo. D. João VI quiz ao principio resistir. Mas o regimento de infanteria 18, revoltado, foi ao palacio da Bemposta, com magotes de povo, acclamar o absolutismo e D. João VI resolveu ir juntar-se com seu filho a Villa Franca, donde voltou passados dias, entrando em Lisboa no meio d'um louco enthusiasmo. Foi n'essa occasião que officiaes militares e fidalgos desatrelaram as cavalgaduras do trem real, puxando elles ao carro.

Durante os tres annos de regimen liberal perdeu Portugal o Brazil.

A 10 de março de 1826 morreu D. João VI, parece que envenenado. No dia 7 tinha nomeado uma regencia presidida por sua filha a in anta D. Izabel Maria.

Voltou o liberalismo á baila. A infanta e a regencia reconheceram D. Pedro IV como rei legitimo de Portugal. D. Pedro IV era, porem, imperador do Brazil. Abdicou em D. Miguel, seu irmão, a coroa de Portugal, mas com a condição d'este jurar a carta constitucional e casar com sua filha, ainda creança, mais tarde D. Maria II de Portugal.

O doido, o doido enthusiasmo, que isso tornou a provocar! Oliveira Martins diz, no *Portugal Contemporaneo:*

A sua intervenção sabida (fala de Saldanha) *fôra decisiva, e todo o jacobinismo portuguez o exaltava como chefe, ao mesmo tempo que as tropas o adoravam como heroe, como forte, como joven. Depois de exigir a publicação, exigira o juramento da CARTA, fixado já p ara o dia 31. D. Pedro dera-a; mas Saldanha era quem a tornava, de uma promessa, em uma realidade. Dissolveu-se a antiga Regencia, ficando a infanta só, regente em nome da rainha D. Maria II — uma creança que havia de vir casar com o tio, logo que tudo se combinasse. Sahiu o antigo, formou-se novo ministerio liberal em que entrava Saldanha, mais que ministro, dictador, general, tudo! Era a mola real, a chave, o fecho da abobada do novo edificio liberal; e em Lisboa, no Porto, em Coimbra, por toda a parte onde formigava um movimento jacobino, Saldanha era acclamado como esperança da patria e braço armado da Liberdade.*

As festas do juramento no fim de junho foram brilhantes nas duas cidades: a burguezia letrada e commercial que dispunha de dinheiro era a classe em que o novo regime tinha adeptos. No Porto, onde Saldanha ainda estava, o dia 31 começou por uma salva real de artilheria. Houve o juramento nos paços do Senado, e parada no campo de Santo-Ovidio: d'ahi veio Saldanha á frente da tropa, descendo a rua do Almada toldada de bandeiras, á Sé, ouvir o «Te-Deum». Das janellas afogavam-no n'um diluvio de flores. Era saudado com os lenços, acclamado em vivas. Nas ruas, os moços abraçavam-se enternecidos, dando-se parabens. Gravito, que dois annos mais tarde acabou na forca, fizera versos, como todos:

Já não pesa em nossos pulsos
Esse vil, ferreo grilhão
Que d'escravos nos fez livres
— Divinal constituição!

Foi dos céus que dimanou
Tão suave inspiração!
Foi um deus que nos mandou
Divinal constituição!

E assim por deante, uma longa toada onde o gosto e o bom-senso se acham sem duvida offendidos, mas onde a fé é viva, o enthusiasmo ingenuo e ardente, a illusão candida.

A' noute a cidade appareceu illuminada, e em S. João houve recita de gala. Saldanha, «Campeão da liberdade», no camarote real, de pé, apresentou ao publico o retrato de D. Pedro, o «dador». Havia uma «alegria prodigiosa», diz a «Borboleta», jornal do tempo. A sala enchia-se com os vivas á Carta, ao «dador», á rainha, a Saldanha!

A Lusa herdada gloria reverdece,
O logar de nação Lysia retoma
E ao seu libertador mil hymnos tece!

Na rua das Flores havia serenatas; e em Gaya os dois Passos tinham organisado festas esplendidas. Era um tablado á beira do rio com um obelisco adornado de retratos e allegorias da Constituição. Havia um Templo-da-Memoria allumiado com milhares de candeias, e de uma tribuna as familias liberaes assistiam ás danças das lavradeiras nos seus trajos de gala, carregadas de ouro em corações e cruzes de filigrana cobrindo o peito.

Viva, viva p'ra sempre, ó portuenses!
Pedro, Constituição, Patria, Saldanha!

.....

Em Lisboa as festas não foram menores, nem menos ruidosas. Na rua dos Fanqueiros, de tres em tres, cada frade de pedra tinha um mastro de louro com balões de côres, accesos á noute. Nos topos da rua havia arcos onde em lettras de papel dourado estava escripto — Constituição — com os retratos de D. Pedro e de D. Maria feitos pelo Sendim: D. Pedro de guerreiro antigo, armado, a defender a filha. Na Conceição-nova havia um templo onde tocava a banda do 16. No Rocio, no Poço-novo, em S. Paulo, no Caes-do-Sodré, por toda a parte se viam arcos, obeliscos, templos, e de noute festões de luz e musicas. A festa do Caes-do-Sodré era feita á custa dos frequentadores do café «grego», antigo foco de liberalismo commerciante, (1) pelo Lamas, pelo Cunha-Vianna, pelos Costas, pelo Travessa, pelo Fernandes. Na rua de S. Paulo, no armazem de carnes do Moniz, a futura cohorte constitucional commentava as festas, entre esperanças e receios. Eram o Rodrigo e Silva-Carvalho, Pizarro, Alves-do-Rio e outros. Ainda moço, já Rodrigo sublinhava com ironia as declarações formaes dos miguelistas futuros, como o conde da Ponte que exclamava por toda a parte — «Carta e nada mais, Carta e nada menos!» («Apont. da vida de um homem obscuro»).

Mas no commum das pessoas succedia então o que sempre succedera e ha de succeder emquanto houver homens: dominar a onda da simplicidade ingenua, das boas esperanças optimistas. Ficava-se commovido, arrazavam-se os olhos de lagrimas bemfazejas, quando se via a infanta regente, de caminho para a Sé, ao «Te-Deum», parar em frente de um dos arcos, na rua Augusta: vinham treze meninas de azul e branco com vinte e cinco (os annos da regente) pombas brancas de fitas azues nas azas!

Tal e qual como agora!

D. Miguel estava desterrado. Prometteu jurar a carta e voltou do desterro. Mas toda a gente sabia que a carta era um pretexto e que proclamaria o absolutismo assim que chegasse. Ora como o recebeu Lisboa, que dias antes tão doidamente havia acclamado a liberdade? Ve-lo-hemos no numero seguinte.

(1) V. "*Hist. de Portugal*„ (3.ª ed.) II, pg. 267.

DIABOLO

CHEGOU novo sortido d'este bonito entretenimento com o qual se fazem lindos e apparatosos exercicios.

CASA SENNA. — Salão de jogos
48, Rua Nova do Almada, 52 — LISBOA

Editos de 8 dias

PELO Tribunal do Commercio da comarca de Aveiro correm editos de oito dias a citar os credores dos negociantes fallidos d'esta praça José Antonio Marques e esposa Francisca da Trindade e Silva, para dentro de cinco dias depois de findo o praso dos editos dizerem o que se lhes offerecer sobre as contas apresentadas pelo administrador da massa, conforme o disposto no art. 285 do Codigo do Processo Commercial.

Aveiro, 8 de Novembro de 1910.

Verifiquei. — O Juiz Presidente, *Ferreira Dias.*

O escrivão do 3.º officio, *Albano Duarte Pinheiro Silva.*

O POVO DE AVEIRO

Por absoluta falta d'espaço ainda não publicamos, hoje, todas as nossas casas de venda.

.....

Vizeu — Kiosques do Rocio; **Espinho** — Kiosque Reis; **Chaves** — Annibal de Barros. **Villa Real** — Kiosque Trindade, **Alvorninha** — Paulino da Silva Mendes. **Estoril** — Alfredo Pinto, Buffete da Estação. **Selxal** — Profirio Ferreira. **Mangualde** — Bento d'Almeida Campos. **S. Thiago de Cacem** — Joaquim Gervasio. **S. Pedro do Sul** — José Augusto d'Almeida. **Faro** — Francisco Matheus Fernandes. **Cascaes** — José Jacintho D. Cabral, Tabacaria Aurea. **Cortegana**, Alemquer — João dos Santos Pereira. **Paderne**, (Algarve) — Antonio Anacleto d'Oliveira.

Torres Novas — João Rodrigues Sentieiro. **Amareleja** — **Moura** — Manuel Frade. **Castello Branco** — Vende-se pelas ruas. **Monte-mór-o-Novo** — Fortunato Reinata. **Tondella** — Adelino Simões. **Pedrogam Grande** — João Antonio Fernandes. **Idanha a Nova** — Christiano Pereira Barata. **Ançã** — José da Costa Neves. **Braga** — Manuel Gonçalves Vaz, Kiosque Gonçalves. **Taboa** — Francisco da Costa Carvalho. **Monsão** — João da Silva Guimarães. **Figueiró dos Vinhos** — José Miguel Fernandes David. **Pinhel** — Estabelecimento de D. Josephina da Silva Torres.

Vianna do Castello — No estabelecimento de Boaventura José de Carvalho; José Antonio d'Araujo Junior, Rua 8 de Maio, 122. **Lamego** — Joaquim Valente. **Elvas** — Luiz Sa-

muel da Silva. **Agueda** — Eduardo dos Santos Trinta. **Covilhã** — João Pereira Saraiva. **Santa Cruz da Graciosa** — Antonio Ernesto Esteves. **Fundão** — Belarmino Barata **Guarda** — José da Silva. **Arganil** — José Baptista de Carvalho.

Nas Caldas da Rainha:
Tabacaria de José da Silva Dias.

BRAZIL

Rio de Janeiro — Livraria Schettino — Travessa do Ouvidor, 18; — Rua 1.º de Março (esquina da rua do Ouvidor) ponto dos Jornaes; Braz Lauria — Rua do Ouvidor, 181; A. Moura — Rua da Quitanda, 114; Gare da Estrada de Ferro Central.

Manaus — Agencia Freitas.

Santos — José de Paiva Magalhães, rua de Santo Antonio, 84, 86.

Pará — Agencia Martins, T. Campos Salles, 15.

"Cosmopolia,,

Revista mensal illustrada de litteratura internacional.

Redactor em chefe:

HOMEM CHRISTO, FILHO

Escriptorios da Redacção e Administração, da secção editora em todas as linguas, da organisação de traducções, salões de exposição e conferencias, gabinete de leitura contendo alguns milhares de volumes das litteraturas italiana, hespanhola, brazileira, portugueza, ingleza, turca, persa, allemã, hollandeza, japoneza, russa e revistas e jornaes de todo o mundo.

Faubourg Poissonière, III — Paris

Com o concurso e collaboração effectiva dos mais eminentes escriptores e artistas da Europa e America, começará a publicar-se proximamente, a revista **Cosmopolia,** que tem por fim tornar conhecidas e apreciadas em França as litteraturas extrangeiras, para o que consagrará cada numero a um determinado paiz do mundo, contribuindo tambem para o desenvolvimento da moderna litteratura franceza, facultando as suas columnas a todos aquelles que, ainda novos e ignorados do grande publico, se imponham, no emtanto, por um verdadeiro e solido talento litterario.

O 1.º numero de **Cosmopolia** será, pois, publicado muito brevemente, logo que o sr. Homem Christo, Filho, que está no Brazil, d'onde seguirá para a Argentina, Chili, Uruguay e Paraguay, a fazer a propaganda da nova revista, regresse a Paris. Dadas as proporções colossaes que teem attingido os pedidos do 1.º numero, enviados de toda a parte, a Administração de **Cosmopolia** vê-se forçada, para regular a tiragem, a inscrever desde já os nomes d'aquelles que desejarem obtel-a.

Locaes de inscripção:

Em Paris: Faubourg Poissonière, 111.
Em Portugal: *Lisboa*—Tabacaria Monaco, Praça de D. Pedro.
Porto—Tabacaria José Teixeira, Praça de D. Pedro.
Coimbra—Livraria F. França & Armenio Azevedo.
Aveiro—Redacção do *Povo de Aveiro.*

ASSIGNATURAS

França: Anno—Serie de 12 numeros, 24 francos. Semestre, serie de 6 numeros, 12,50 francos.
Extrangeiro: Anno — Serie de 12 numeros, 25 francos. Semestre, serie de 6 numeros, 13 francos.

Aguas CASTELLO DE MOURA

Explendidas e incomparaveis aguas de meza, com optimos resultados nas doenças da bexiga, rins, estomago, etc.

Deposito no norte do paiz:

26, Rua Mousinho da Silveira, 28
PORTO

RECOMMENDA-SE O
PAPEL PARA CIGARROS
ESTRELLA
ALCATRÃO ESPECIAL

A VENDA EM TODA A PARTE
CADA LIVRO 10 RS

J. WIMMER & C.º
LISBOA

HOTEL UNIVERSAL

Proprietarios:
RAMIRES & C.ª
—Praça da Batalha—PORTO—

Hotel de primeira ordem installado no melhor sitio da cidade, com explendida sala de jantar, installações electricas, caixa de correio e explendidas casas de banho.

Preços diarios, a começar em 1$200 réis

Artigos graphicos

Os melhores, os mais baratos, os mais resistentes, são os da casa PEDRO, MIRANDA & C.ª SUC.res. Representante da Casa **J. G. Schelter e Guiescke** incontestavelmente a melhor fundição do mundo!

Material branco, **estrangeiro,** sempre em deposito, ao preço do nacional.

Pede-se a todos os srs. industriaes que não fechem as suas transacções sem consultarem os nossos preços.

Pedidos a
PEDRO, MIRANDA & C.ª Suc.res
Rua da Picaria, 59—PORTO
Telegrammas «ADNARIM» **Porto.**

Tinta de copiar a secco

Sem molhar o papel e conservando os copiadores como novos. Economia de tempo e trabalho. Excellente resultado na pratica. Ultima novidade. Descontos aos revendedores.

Deposito geral:

Rua de S. Paulo, 9, 1.º — LISBOA
TELEPHONE: 2378
Rua de Santa Catharina, 32, 1.º — PORTO

O antigo 606
Tisana depurativo ASSIS

Segundo o processo de Faro

Todo o Portugal, Africa e Brazil, ha 40 annos, conhecem os effeitos garantidos contra a syphilis, d'esta maravilhosa preparação.

Deposito geral
ASSIS & COMMANDITA
Rua dos Douradores, 32, 1.º — LISBOA

No Porto:
SANTOS & SANTOS — Rua das Flôres, 36

FRASCO	6 FRASCOS
1$000 réis	5$400 réis

AGUA DA CURÍA

Semelhante á de Contrexéville

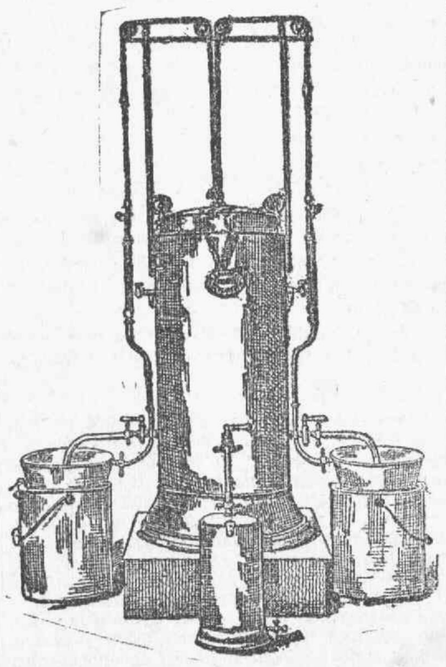
Estimula a acção dos rins que são os filtros do corpo humano.

Experimentae a
AGUA DA CURÍA

Representante e depositario em Lisboa:
Humberto Bottino
Praça dos Restauradores, 31-H
TELEPHONE: 3035

A. Anselmo & C.ª

20, LARGO DE S. DOMINGOS, 20
LISBOA



Canalisações para agua, gaz e acetylene, Gazometros para acetylene em chapa de ferro chumbada, com um e dois geradores, os mais praticos, solidos e economicos

Absoluta segurança e simplicidade no funccionamento. O mais perfeito purificador até hoje conhecido. Accumulador interior. Carboneto dividido em secções. Gazometros para bordo. Montagens garantidas e economicas.

Pedir preços e condições a
A. ANSELMO & C.ª
LARGO DE S. DOMINGOS, 20
LISBOA

Empreza Cinematographica IDEAL

Manufactura Portugueza de Pellicula

Salão e Escriptorio
Rua do Loreto, 15 e 17
LISBOA

Atelier de pose e officinas
Cerca do Colleginho, 7
LISBOA

Endereço telegraphico: IDEALÃO

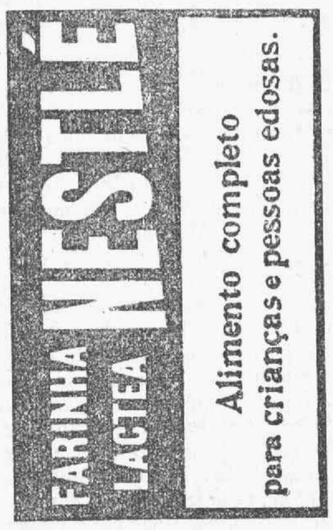
SUCCURSAES: No Porto, Paris, Berlim, Londres, Vienna d'Austria, Madrid, e em todos os Estados do Brazil.

Fornecimentos completos para animatographos, aluguer e venda de fitas completamente novas em Portugal. Projecções com luz electrica ou luz artificial em theatros, qualquer casa, ou de espectaculos, clubs, escolas e casas particulares, para o que tem pessoal habilitado.

Contractos especiaes para a Africa e Brazil

A Empreza Cinematographica Ideal é a unica que, devido ás suas bellas installações de POSE, pode apresentar assumptos genuinamente portuguezes, desempenhados pelos nossos principaes artistas e quadros panoramicos representando os melhores pontos e os mais bellos costumes de Portugal.

Mediante contracto especial a Empreza tambem se encarrega da tiragem de qualquer fita de reclamo a estabelecimentos, fabricas, officinas, etc.



AGENCIAS DE ANNUNCIOS
—DO—
POVO DE AVEIRO

Lisboa
L. de S. Domingos 20
JUNTO Á CALÇADA DO GARCIA

Porto
P. de D. Pedro, 9 e 10
TABACARIA TEIXEIRA

Bebam as Aguas Medicinaes
DO
CASTELLO DE MOURA

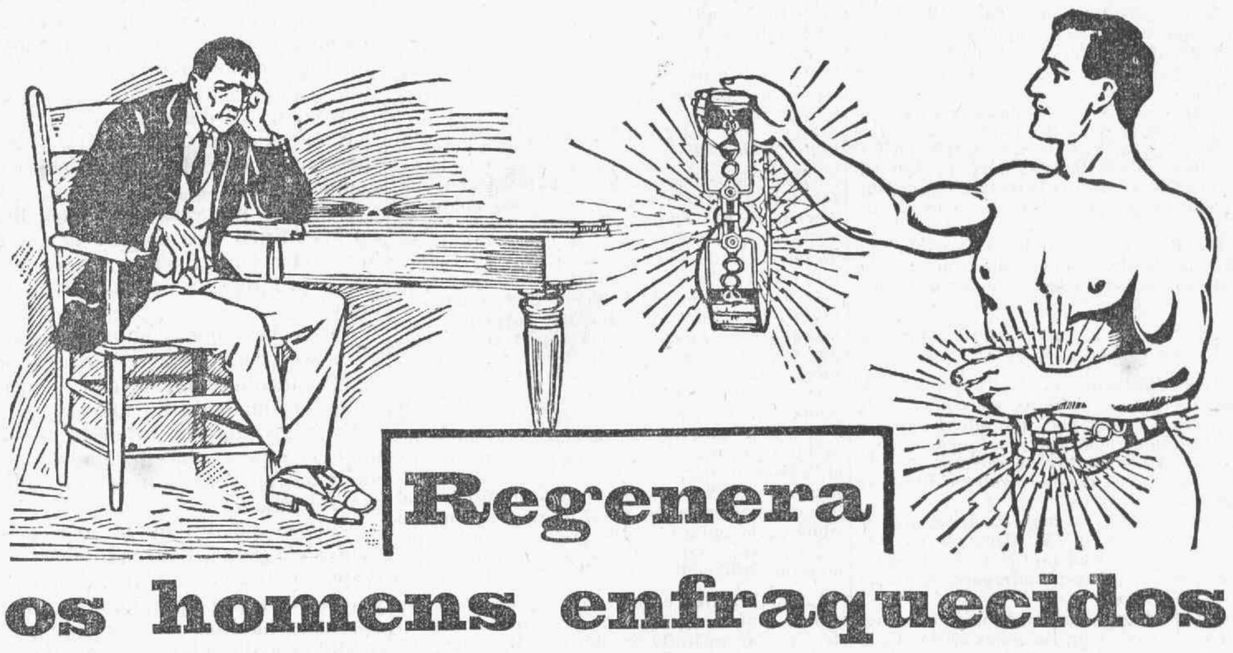
Polpa Melaçada

E' hoje o alimento, por excellencia, preconisado para alimento dos cavallos, vaccas, porcos, ovelhas, etc., etc.

Unico importador para Portugal, Colonias e Brazil
Antonio Rosado Caeiro = Rua Augusta 240, 1.º - LISBOA

Vendas por grosso e retalho:
Rua do Amparo, 1 — Rua Nova do Almada, 98
Calçada do Marquez de Abrantes, 64

ACCEITAM-SE AGENTES EM TODAS AS TERRAS DE PROVINCIA



os homens enfraquecidos

Não desejarieis que os vossos amigos dissessem vendo-vos passar: «Eis ahi um homem verdadeiramente vigoroso!» Não vos seria agradavel ter o olhar brilhante, o andar seguro e o corpo tão direito que todos, homens e mulheres, notem a vossa mascula presença?

E' este, com certeza, o maior desejo do homem actual: A força moral e physica, a perfeição e a energia.

E, quem não desejaria ser vigoroso e sentir-se egual em forças a outro homem da sua edade?

Todos podem ter esta esperança se escutarem o appello que lhes fazemos aqui.

Todas as drogas foram experimentadas e fracassaram miseravelmente. Vós sabeis, certamente, isso. Mas, o **Vigorisador Electrico** do Dr. McLaughlin não póde falhar, porque é a electricidade, e a **Electricidade é a vida.** Considerae-a como a essencia que faz marchar as peças essenciaes da machina que tem o nome de corpo humano. Este tratamento é o sufficiente para que se obtenha saude e felicidade.

O **Vigorisador Electrico** é o manancial electrico e vivificante que fornece uma torrente de força ao vosso corpo durante o somno. Faz renascer a ambição e a esperança, tranforma pobres seres enfraquecidos e desanimados em homens verdadeiramente dignos d'este nome.

Se tendes dôres, o nosso tratamento vos curará. Se tendes doenças do estomago, varicocelle, lumbago, sciatica ou uma doença dos rins, do figado, ou se perdestes as forças nervosas, o **Vigorisador** restituir-vos-ha a saude florescente.

Vinde consultar os nossos medicos que vos examinarão gratuitamente, e, todos aquelles que não possam visitar-nos, enviem-nos o coupon junto, para que lhes sejam enviados o nosso livro explicativo e um impresso para consulta.

Livro gratis e consulta gratis a todos

Leiam esta prova decisiva

Catarrho intestinal, com dôres no ventre e inchação, dôres nos ovarios com inflammação e bronchite com tosse continua

Sr. Dr. McLaughlin

Tenho a satisfação de communicar-lhe os bons resultados que tenho obtido com o VIGORISADOR ELECTRICO de V., pois é com bastante prazer que posso garantir que me acho quasi completamente curada.

As dores do ventre desappareceram, a inchação diminuiu quasi ao estado natural, e a tosse que bastante me affligia, está extincta.

Estarreja — Avanca, 21 de outubro de 1910

Sou de V., etc.
(a) Emilia de Jesus Borges.

Dr. M. E. McLaughlin

Rua Augusta, 188, 2.º—LISBOA
Horas: 9 m. ás 7 n.

Coupon
Vale um livro e consulta gratis
E
Nome .....
Rua .....
Terra .....
Cortem e mandem este coupon